

“NHA NTÓNIA” (Joacine Katar Moreira)¹

Ao longe vi Nha Ntónia de pé, curvada como um tronco de árvore sem folhas que sobrevive a tempos e ventos que não controla. Estava magra, vestida de um gasto tecido grosso amarelo com desenhos de flores verdes e o colorido contrastava com os seus pés e o seu rosto, marcados pelo tom monótono da poeira, que logo pela manhã ocupava a terra e o ar de Bissau. Eu estava atrasada e mal me viu, pôs-se a caminhar no sentido da sua casa esperando que a alcançasse depressa. Sabia o que isso significava e não consegui deixar de sorrir em pensamento: Ela não tinha tempo a perder!

Já na sua casa, Nha Ntónia pediu-me para ter calma, para ser crente e ter esperança, e recordou-me que se a vida fosse dura não teríamos escolhas. Abanou-me com força como se quisesse despertar-me, e disse-me que até à nossa morte éramos livres de decidir como queríamos viver. E inflexível como a própria vida, não chorou, não tremeu e com uma grandeza como nunca vi, segurou-me como a uma criança e segredou-me:

- Nós mulheres não temos tempo de olhar para baixo e contar quantos dedos temos nos pés. O que sabemos do corpo humano aprendemos cuidando dos nossos filhos. Levanta o peito! E segura a vida com força, para que ela te obedeça, e não o contrário!

Senti-me fraca e despreparada depois de ouvir as suas palavras. Eu não tinha a sua capacidade de resistência e de aceitação das injustiças da vida. Nem sabia como conseguia pronunciar a palavra “filho” com tamanha força e estar pensadora e solícita perante tanto sofrimento. Cada vez que tentava consolá-la embalava-me no seu colo como se fosse eu quem precisasse de conforto, e sempre que estava prestes a chorar, o seu olhar arrefecia-me as lágrimas e obrigava-me a parar. Não sabia como confortá-la. Como se conforta uma fortaleza?

A casa estava desarrumada, com caixas cheias de objetos e sacos de roupa espalhados pelo chão. Fria e oca, parecia maior do que alguma vez foi. Evitava questionar ou criticar fosse o que fosse, apenas obedecendo e estando presente em todas as decisões de Nha Ntónia. Notei que tinha amarrado o lenço na cabeça com o tecido ao contrário, que se encontrava descalça quando a vi, e por isso mesmo, enquanto caminhávamos até sua casa, procurei conduzi-la por onde houvesse menos lixo e menos buracos no chão. Era uma mulher de porte fino, filha de um importante régulo² e uma curandeira muito respeitada, mas hoje parecia-me estar junto a uma metade de si apenas. O meu coração aqueceu e senti vontade de gritar e pedir-lhe que não desistisse assim, que não me abandonasse, quando me interrompeu os pensamentos:

- Djalma, senta-te aqui! – Disse-me apontando um banco de madeira junto à sua cama – Não juntei nada durante a minha vida. Deus não achou que eu precisasse de alguma coisa a não ser das minhas próprias mãos. Entrego-te este ouro que foi ficando, porque é a única coisa que não envelheceu dentro desta casa – olhava à sua volta como que despedindo-se – até as fotografias ficaram gastas com o tempo e... acabaram-se os dias para mim. Quando uma mãe perde tudo o que tem só lhe restam as noites. Preciso que decidas o que fazer com tudo isto. Djalma, minha menina – deu-me três pancadas nas costas – não quero que as tuas lágrimas sequem jamais porque significará que ainda não sofreste tudo.

Sáímos juntas de casa mas separamo-nos no meio do caminho. Cada uma de nós seguiu com a quantidade de dor que conseguia suportar.

À noite fui ao seu encontro no local da cerimónia. Mulheres vestidas de branco ocupavam, em círculo, os bancos baixos de madeira. Atrás delas, de pé, outras mulheres vestidas com panos coloridos suspiravam e abanavam as cabeças. Viam-se alguns homens e jovens mais atrás. Ninguém falava, silêncio de quem tem tudo para dizer. Respirações que transpiravam calúnias e acusações. Quem morreu e quem matou? É sempre assim. Ao centro, homem importante jaz. Os peitos tremiam ansiosos e o ar pesado e quente fazia com que as mãos direitas chegassem às testas carregadas de suor e as mãos esquerdas penetrassem decotes de seios fartos para acalmar e secar o peito de dor. De pé, as pessoas baloiçavam o corpo em sinal de cansaço, em movimentos contrários direita-esquerda e esquerda-direita, enquanto outras mais nervosas batiam os pés no chão produzindo o único som, depois do zumbido do silêncio, que se fazia ouvir. Ao longe, todos juntos, recordavam artistas ensaiando passos de dança articulados com movimentos sequenciais.

O espaço gigante de cimento bruto parecia apertado para tanta gente. Esperava-se pelo pai e impacientes davam voz às mãos e aos pés carregados de poeira. Poeira densa e tensa. A mãe, prostrada junto ao caixão, tinha morrido também, apesar de viva. Não se fazia sentir, não se fazia ouvir e quase não se fazia ver à luz das poucas velas que tentavam fazer o trabalho impossível de iluminar toda a gente.

Os *toca-tchur*³, na verdade, são assuntos de mulheres, assim como os nascimentos também o são. Nestes lugares, os homens de pouco ou nada servem, a não ser para segurar quem tenta cair ou para abafar o pranto das *padidas*⁴. As mulheres são ingratas, solitárias e egoístas com a sua dor. Elas roubam as dores dos filhos, tirando-as mesmo aos pais que sofrem tremendamente.

- Onde está o pai? Não vem?! – fazia-se ouvir um anónimo por entre a multidão
ContraCorrente: revista de estudos literários e da cultura / número 7 (2015.2) / p. 165-171

expectante.

E o pai estava atrasado, como sempre se atrasam aqueles que menos sentem. Não o criou, mal o conheceu, e porque viria despedir-se de quem não foi esperar à chegada? Quem sofre não esquece, não dorme, não arruma, não desarruma e não faz esperar. Apenas faz-se presente perante a dor e como um bom escravo curva-se perante ela até ao chão vermelho do coração.

As corujas enchiam o teto de zinco e isso preocupava toda a gente. Vinham de todos os cantos e como que em festa, ou também na dor, reuniam-se e gritavam em conjunto, interrompendo o silêncio dos homens e das mulheres.

- O pai está a chegar! – disse a mãe, levantando-se como vento, para espanto de todos - Que as luzes não se apaguem agora! Segurem fortes as vossas velas e acendam outras, acendam tudo isto!

Nha Ntónia amarrou um tecido vermelho à cintura e um pano branco na cabeça, levantou os braços no ar e deu início à orquestra da dor. O seu corpo, outrora moribundo, encheu-se de vida e de força e em passos pesados começou a dançar à volta do seu filho, batendo por vezes no caixão, tentando acordá-lo, ou acordar-se a si própria. A orquestra da dor, ela é mágica. Tão mágica em sofrimento como em consciência. Na minha terra a gente dança com a morte. Os passos são firmes e batem na terra com a força que só a morte tem para nós. Tun-tun, tun-tun, tun-tun. Cada vez que batemos o pé, inclinamos o corpo para esse lado e levantamos as mãos em sinal de humildade. A morte humilha os vivos. A morte humilha a vida. E só por isso ela é mais forte que tudo.

O silêncio deu lugar aos gritos, ao pranto sentido e também à estupefação mascarada de dor.

- “Aióooooooooooooo! Aióooooooooooooo!”

As mulheres de branco permaneceram sentadas assistindo à dança da mãe e muitas gritavam para que parasse, mas ela, amputada no seu útero, não temia, não se curvou mais e vociferava. Mais tarde, em silêncio, Nha Ntónia segurou com força o pano que queria sair da cintura, ajeitou o lenço branco na cabeça e começou a correr com toda a velocidade pelo círculo criado à volta do caixão do seu filho. Corria furiosa e felina como uma leoa em plena guerra. Corria contra quem? Corria para quem? Corria por quem? Gritos de dor e lágrimas fizeram-se sentir com intensidade. Ninguém fica indiferente a uma mãe que sofre.

Quando alguém tentava aproximar-se para acalmá-la, não dava hipóteses, agitando os braços e aumentando ainda mais a velocidade com que corria. Ninguém pôde fazer nada, ninguém pôde impedi-la de viver aquele momento com todo o seu ardor e toda a sua mágoa.

Parecia um touro enraivecido de verdade, enraivecido de amor. Esta fúria durou toda a noite, as corujas entretanto desapareceram e na entrada o pai não chegou a passar. As velas acabaram e a multidão foi-se despedindo “até amanhã” até o local ficar completamente vazio.

Muitos comentariam depois que ela não permitiu que o pai do seu filho participasse na cerimônia, ofuscando-o com a luz das velas e o homem perdera-se no caminho. Outros diziam que tinha enlouquecido, que ia contra os costumes, desafiava os espíritos e não respeitava as colegas anciãs que se tinham deslocado de muitas partes para ajudar a alma do seu filho a encontrar a paz e a glória.

Mas, dia seguinte, regressaram todos. As mulheres de branco voltaram a ocupar os seus lugares e, à revelia da mãe, tentaram levar a cabo a cerimônia fúnebre como manda a tradição. Prostrada junto ao seu filho, Nha Ntónia, a mãe, parecia sem forças mas ainda assim recusou que se procurasse saber a causa da morte do seu filho como habitualmente acontecia nestas ocasiões. Voltou a dançar, agora ao lado das mulheres de branco que se levantaram ao som dos tambores e riscaram o chão de terra vermelha com a sua dor. Enquanto desfilavam graciosa e sentidamente em círculo fúnebre, a mãe descontrolou-se novamente e pediu ao filho que acordasse naquele momento, batendo na madeira polida com toda a sua força e beijando-o, ao mesmo tempo, no rosto frio e oco de vida.

Os homens vieram e carregaram o caixão. Lá fora uma multidão aguardava e em procissão dirigiram-se todos para Amedi e Nha Ntónia recusou todas as ofertas para entrar nos automóveis que acompanhavam a procissão, caminhando passo a passo como se, tal como o seu filho, também ela tivesse os minutos contados para se despedir deste mundo. Pela primeira vez aproximei-me dela e dei-lhe a mão. Olhou-me como se não me reconhecesse mas permaneceu em silêncio e de mãos dadas.

Em Amedi fomos recebidos em festa por balobeiros⁵ famosos e o morto foi vestido com panos caros e cânticos pois fazia parte da realeza espiritual da região. Foi enterrado juntamente com o seu avô, e a verdade foi revelada naquele momento para espanto de todos. A verdade, essa que nunca envelhece.

O pai conseguiu estar presente, silencioso e triste. Não consegui fitá-lo e escondi-me por entre a multidão procurando um lugar que me permitisse vê-lo melhor. De vestes vermelhas como o sangue que parecia já não correr nas suas veias, era um homem alto com ar distinto, apesar de já muito velho. Nos seus olhos, uma humanidade impensável, e nos gestos, arrependimento. Pouco tempo depois desapareceu e não voltei mais a vê-lo.

Manda a tradição que todos nos movamos quando o morto é enterrado. Que sacudamos a poeira que a morte emana e peçamos vida longa. Por isso, no momento do

enterro, dançamos balançando-nos para a direita e para a esquerda, movendo a cabeça no sentido das mãos, movendo os pés no sentido da cova, que generosa se alarga, se engrandece para receber-nos. O que é a terra sem o ser vivo? Sem o corpo dos homens e das mulheres, as suas veias, o seu esqueleto? A terra ri-se com espalhafato porque sabe que não morrerá de fome.

A terra é para quem germina, mas também para quem apodrece e quem termina. A terra é para os outros. Para mim quero sal em vez de terra. Que conserve a minha alma durante séculos e séculos e me faça voltar em ondas de vida, à beira-mar de outros lugares e de outras emoções. Quero a frescura marítima, que engole a cinza com afeto e a desfaz em promessas de vida. Quero caber no punho de um homem valente que combate a leveza da morte e a vence com a esperança.

Na minha terra, nos velórios e funerais, a música enterra-nos juntamente com o morto. Morremos todos com ele, acompanhando quem morre até à cova e depois voltamos à superfície, sacudimos a poeira da terra vermelha e marchamos vida fora. Mas a nossa morte depende da proximidade ao falecido. Eu diria até que há músicas diferentes para cada um de nós. O som que cada um sente depende do seu próprio ritmo cardíaco. Eu sou diferente, porque ouço em mim todos os sons possíveis. A orquestra da dor toca dentro do meu ser porque vivo tanto a minha dor como a dor dos outros. Sou fraca e espalho-me em emoções que roubo a quem sofre e vivo como se na minha pele estivesse marcada toda a carga simbólica que enterra gente viva. Gente com carne e gente de sangue quente.

Nha Ntónia dava gargalhadas enquanto a terra recebia o seu filho e saltitava entre os presentes procurando no rosto de cada um aquele que perdia. Segurava as mãos dos presentes, os seus rostos e os abraçava, buscando sem cessar partes de si que não encontrava. A multidão abanava as cabeças em sinal de desaprovação, pena e solidariedade.

Quando os homens começavam a cobrir a cova, ela mandou-os parar e quando todos ficaram imóveis e atentos à sua dor, apontou para o céu e disse:

- Eu recebo em mim, na minha alma e na minha carne toda a carga que pertence ao meu filho. Todo o peso que ele possa levar hoje que me seja entregue. Todo o mal que fez, que eu seja a única culpada. Toda a dor que sentiu e que provocou que me seja apontada. Vai em paz e vai leve meu filho. Leve o suficiente para voltares e seres feliz!

Regressei a Bissau e comecei a tratar da casa de Nha Ntónia. Esvaziar sempre foi mais fácil do que encher, tanto as casas como os corações. Ela era como uma mãe para mim e queria poder assisti-la até ao fim, por isso voltei a Amedi. Sem qualquer resistência, Nha

ContraCorrente: revista de estudos literários e da cultura / número 7 (2015.2) / p. 165-171

Ntónia voltou para a sua casa. Juntou as roupas do seu filho em sete montes e procurou o lugar perfeito entre a cabeça e o coração para as colocar. Deu meia volta ao quarto e lembrou-se que só a sensação de toque poderia corresponder a esse perfeito lugar. Mas como fazer? Perguntou-se. Procurou tesouras, agulhas e linhas, pô-las num prato de vidro e voou rumo ao quintal. Alegre, cortou todas as peças de modo a poder juntá-las mais tarde e enquanto tocava em cada uma, o seu peito ardia de amor! Cada camisa, cada botão, cada tecido, correspondiam a momentos, a fases de vida que não queria jamais esquecer. Pensou em tirar os botões mas lembrou-se que poderia apoiar-se neles quando estivesse quase a cair de tristeza.

Nha Ntónia trabalhou noite fora, juntando todas as peças de tecido e fazendo um manto gigante de diferentes texturas. Terminou já de manhã, comigo deitada no chão vazio do seu quarto. Sem qualquer sinal de cansaço, limpou a casa e depois de trancar todas as portas, estendeu a manta no chão e emocionada deitou-se e enrolou-se nela perdendo os movimentos. Os olhos acenderam de saudade e o abraço daqueles tecidos proporcionou-lhe o mais feliz dos sonhos.

E assim viveu naquela casa despida de móveis e de alma. Disse-me certo dia que quanto mais vazia estivesse, menos peso sentia no peito. O seu nome corria as ruas e bairros de Bissau com estórias diversas a seu respeito, e todos concordavam que tinha enlouquecido completamente com a morte dos seus sete filhos. Não se perdoa a uma mãe que fica quando os filhos todos partem.

Nha Ntónia lavava a dor dentro de um balde gigante de água salgada, procurando conforto num círculo de plástico verde gasto pelo tempo. Ficava submersa durante toda a noite e quando sentia que sufocava ou que adormecia, emergia a cabeça da água e murmurava palavras de alerta. Ao amanhecer, despejava a água do balde no quintal, abria a porta da sua casa e deitava-se no chão frio. O seu corpo franzino deixava-se iluminar pelos raios de sol vindos diretamente do teto graças às falhas do telhado de zinco. Todos os dias de manhã passava pela sua casa para cumprimentá-la e levar alguma comida e fruta. Com a porta entreaberta, encontrava-a sempre deitada no chão crespo de terra batida, completamente nua. Havia dias em que não me reconhecia e falava comigo como se de uma estranha me tratasse:

- Abre a porta *badjudá*¹, não a feches – gritava-me deitada - Mas diz-me, porque vens aqui todos os dias? Porque queres acompanhar a minha partida? Os outros não te contaram que sou louca? Cuidado *badjudinha*... os olhos viciam a nossa vida. Não devemos ver tudo porque

¹ Moça.

tendemos a viver e a repetir tudo o que vemos. Não sabias? – e sorria, um sorriso lindo que ficou do que sempre foi.

¹ Natural da Guiné-Bissau, Joacine Katar Moreira é doutoranda em Estudos Africanos no Instituto Universitário de Lisboa e estudiosa das relações de Género, Desenvolvimento, Estado, Política e Poder na Guiné-Bissau. Concluiu o mestrado em Estudos do Desenvolvimento em 2010 e é licenciada em História Moderna e Contemporânea pelo ISCTE-IUL. Tem participado em projetos e iniciativas de áreas diversas, nas quais a paixão pela cultura e a literatura se têm revelado áreas de interesse paralelas às atividades académicas e de intervenção sócio-cultural.

² Chefe tradicional.

³ Cerimónias fúnebres.

⁴ Mulheres que deram à luz; Mães.

⁵ Guias espirituais; Guardiões das Balobas, locais de culto animista.